

# MÁTRIA

## XXI

6

REVISTA DO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO  
PROF. DOUTOR JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO  
2017

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO PROF. DOUTOR JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO

# *Mátria XXI*

- n.º 6 -



Santarém • Maio 2017

## FICHA TÉCNICA

### **Título**

*Mátia XXI* – n.º 6, Revista do Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão

### **Edição**

Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão  
Câmara Municipal de Santarém

### **Director**

Martinho Vicente Rodrigues

### **Secretária**

Manuela Bento Fialho

### **Conselho de Redacção:**

Joaquim Veríssimo Serrão,  
Adriana Veríssimo Serrão,  
Vitor Serrão,  
Maria de Fátima Reis,  
Agonia Pereira,  
Jorge Manrique Martínez,  
Pedro Sequeira,  
Rui Neto e Matos,  
Florinda Matos,  
Ana Cristina Raimundo,  
Adriano Cordeiro,  
Artur Rodrigues.

### **Conselho Editorial**

Agonia Pereira,  
Adriana Veríssimo Serrão,  
Aires-Barros,  
Alberto González Rodríguez,  
Ana Cristina Raimundo,  
Ana Leal Faria,  
Ana Maria Carabias Torres,  
António José Gonçalves de Freitas,  
António Pedro Vicente,  
Aurélio Fernando Rosa Lopes,  
Avelino de Freitas de Meneses,  
Bernardo Vasconcelos e Sousa,  
Carlos Roberto Figueiredo Nogueira,  
Carlos-Antero Ferreira,  
Carolyn Elizabeth Leslie,  
César Augusto Rodrigues Garcia,  
Elena Perulero Pardo-Balmonde,  
Maria de Fátima Reis,  
Florinda Matos,  
Francisco José Portela Sandoval,  
Francisco Ribeiro da Silva,  
Gabriela Ferreira Gândara Terenas,  
George Félix Cabral de Souza,  
Gerhard Otto Doderer,  
Isabel Ferreira da Mota,

João Luís Cardoso,  
Jorge Silva Lopes,  
José Manuel Garcia,  
José Manuel Pérez-Prendes y Muñoz-Arraco,  
José Miguel Correia Noras,  
José Sanchez-Arcilla Bernal,  
Josefina Maria Cristina Torales Pacheco,  
Juan Carlos Monterde García,  
Júlia Montenegro,  
Laurinda Faria dos Santos Abreu,  
Luís Filipe Monteiro Vieira de Castro,  
Luísa D'Arienzo,  
Magdalena Rodríguez Gil,  
Manuel Lobo Cabrera,  
Margarida Garcez da Silva Ventura,  
Maria Alegria Fernandes Marques,  
Maria da Conceição Vaz Cabrita,  
Maria Irene Aparício,  
Maria José Azevedo Santos,  
Maria Teresa Nobre Veloso,  
Nicolás Sánchez-Albornoz Aboín,  
Pedro Jorge Richheimer Sequeira,  
Remédios Moran Martin,  
Rui Neto e Matos,  
Rui Nunes Correia,  
Vitor Serrão.

### **Secretária**

Manuela Bento Fialho

### **Coordenadora Editorial e**

#### **Edição Gráfica:**

Vanda Marisa Marques

### **Direcção Administrativa e Comercial**

Mónica Estrela

### **Contactos**

Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão  
Casa de Portugal e de Camões  
Rua Capitão Romeu Neves, r/Dtº.  
2005 - 157 Santarém - Portugal  
Telefone: 243 359 160  
Fax: 243 359 189

<http://cijvs.cm-santarem.pt>

<http://cijvs.blogspot.pt>

E-mail:

[cijvs@cm-santarem.pt](mailto:cijvs@cm-santarem.pt)

Direcção:

[martinho.rodrigues@cm-santarem.pt](mailto:martinho.rodrigues@cm-santarem.pt)

### **Depósito Legal**

ISSN2183-1467

## ÍNDICE

|   | Págs. |
|---|-------|
| <i>Editorial</i>  |       |
| Prof. Doutor Martinho Vicente Rodrigues .....   | 7     |
| <i>A importância dos Clássicos ...</i>  |       |
| Prof. Doutor Oliveira Martins .....   | 11    |
| <i>Três Inscrições Romanas De Scallabis</i>   |       |
| Prof. Doutor José d'Encarnação .....  | 19    |
| <i>Feitoria dos Linhos Cânhamos de Santarém</i>   |       |
| Prof. Doutor Martinho Vicente Rodrigues .....   | 37    |
| <i>O pioneirismo de Francisco Dias Gomes [1745-1795], o primeiro crítico literário moderno em Portuga</i> |       |
| Prof. Doutor Eurico Gomes Dias .....  | 75    |
| <i>1833-1834, o annus horribilis do reinado de D. Miguel: percursos das elites</i>                        |       |
| Prof. Doutor Daniel Estudante Protásio .....  | 113   |

|  |     |
|--|-----|
| <i>Educação e tecnologia. Algumas das suas características a conhecer</i>  |     |
| Prof. Doutor Rui Matos Pereira .....                                       | 127 |
| <i>Arquitectura, Ruína, Paisagem</i>                                       |     |
| Prof. Doutora Maribel Mendes Sobreira.....                                 | 151 |
| <i>Paisagem: da espacialidade do conceito a um novo conceito de espaço</i> |     |
| Mestre Valter Boita .....  | 161 |
| <i>Poder e direito em «Il faut défendre la société» de Michel Foucault</i> |     |
| Mestre Paulo Frazão Roberto .....  | 189 |
| <i>O pão que o diabo amassou</i>   |     |
| Doutorando Tiago Carvalho .....  | 209 |

### **Prémio de Investigação 2016**

|  |     |
|--|-----|
| <i>Os monumentos epígrafos, retratos de vida ...em Scallabis</i>                                   |     |
| Prof. Doutor José d'Encarnação .....   | 243 |
| <i>Cidade frutífera.<br/>A fruta urbana como contributo estético-político no desenho da cidade</i> |     |
| Prof. Doutora Moirika Reker .....  | 263 |

## Os monumentos epigráficos, retratos de vida... em Scallabis

José d'Encarnação<sup>1</sup>

### Resumo

Depois de uma breve introdução a explicitar o papel dos monumentos epigráficos romanos como fonte histórica singular, traça-se uma panorâmica das epígrafes que se referem à *Colonia Scallabitaná*. Estamos, de modo especial, em presença de epitáfios de soldados que morreram em serviço, por exemplo em Roma ou na Numídia, dedicando-se especial atenção à homenagem feita a um flâmine provincial e ao relacionamento da colónia com a família dos *Cornelii Bocchi*. Conclui-se que, dada a sua posição estratégica, *Scallabis* foi uma capital de *conventus* de características muito especiais, em confronto com a cidade de *Olisipo*.

---

<sup>1</sup> Professor catedrático em História e Arqueologia, pela Universidade de Coimbra, desde 1991. Aposentou-se em Julho de 2007. A sua especialidade é a epigrafia romana, de que foi docente e sobre que publicou um manual, hoje em 5ª edição, tendo sido também esse o tema da sua licenciatura (*Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975) e do doutoramento (*Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984). Académico de mérito da Academia Portuguesa da História, académico correspondente da Academia das Ciências de Lisboa (Classe de Letras), membro do Centro de Investigação Professor Joaquim Veríssimo Serrão. Não reconhece as regras do Acordo Ortográfico vigente. E-mail: jde@fl.uc.pt.

**Palavras-chave:** *Scallabis, Praesidium Iulium, Cornelii Bocchi.*

## **Abstrat**

A small introduction shows the important function of the roman epigraphic monuments as historic sources. We study the epigraphic *corpus* of the *Colonia Scallabitaná* (today, Santarém, at the right river of the Tago), a *corpus* essentially composed by the epitaphs of *Scallabitaní milites* dead in service at Rome or at *Lambaesis*, for example. This *colonia* created by *Caesar* had surely a economic strategic position in the Roman Lusitania and this activity explains the strict relation with important magistrates like the *Cornelii Bocchi*.

**Key-words:** *Scallabis, Praesidium Iulium, Cornelii Bocchi.*

Sempre as «pedras com letras» exerceram particular fascínio sobre o Homem. E se não ousamos interpretar as primeiras gravuras rupestres como essa vontade já de alguém assim se perpetuar e mostrar que esteve ali, certo é que, logo que se começaram a sistematizar as linguagens escritas, o suporte material duradouro foi, sem dúvida, o preferido.

A perenidade de uma gravação sobre a «pedra», o metal, a cerâmica... contrastou, desde muito cedo, nas lendas e nas narrativas históricas, com o «escrever sobre a areia», vem uma aragem ou uma onda e tudo num momento se esvai... Na rocha, não. Longamente permanece, apesar dos vendavais, dos vagalhões, da chuva persistente...

Daí que as inscrições sejam, ainda hoje e sempre o serão, de uma actualidade flagrante. Significativos, por exemplo, os nomes dados às ruas – os actuais e os antigos!... Não há inauguração de monumento que não implique o descerramento da respectiva placa, onde constem nomes das ilustres personalidades que ao acto deram brilho com a sua presença e a data do feliz acontecimento. Quando se pensa em homenagear alguém, uma lápide na casa onde passou a maior parte da vida ou epitáfio na sua campa, por mais singelo que seja. Pretende-se imortalizar gratidão ao Dr. Sousa Martins? – Põe-se-lhe uma pequena placa junto à base da sua estátua no Campo dos Mártires da Pátria, em Lisboa! Importa que mesmo naquela modesta ermida se dê conta do milagre que fez Nossa Senhora do Desterro quando os pescadores, em perigo de vida, a Ela recorreram e foram salvos? – Grave-se «tábua» com o desenho e os dizeres explicativos! E qual é o objecto de uso quotidiano (caneta, telemóvel, talher, prato...) que não traga a marca do fabricante?

Esses letreiros estuda a Epigrafia, uma ciência que, no dizer do Prof. Giancarlo Susini, se debruça sobre o que o Homem, em determinado momento, quis indelevelmente gravar, a fim de deixar de si uma imagem para os vindouros. Ou seja, por ter de ocupar não demasiado espaço (que as letras são gravadas uma a uma...), optar-se-á por uma mensagem sintética, recorrendo amiúde a siglas e a abreviaturas (como fazemos nas *sms*...). Por isso, há-de ser pensada e sugestiva – para que a leiam (preocupação que o lapicida de todos os tempos inteiramente partilha com o publicitário do século. XXI!)...

Desta sorte, para o epigrafista conta o que está explicitamente expresso na epígrafe; mas interessa-lhe igualmente – e porventura mais!... – o que nela está implícito, as razões que levaram o Homem a deixar de si aquele testemunho, naquele momento e naquele lugar.

Inteligíveis ao comum da população a que se destinam, as inscrições recorrem, como se disse, às siglas e às abreviaturas e a formulários habituais que toda a gente entende, embora seja importante situar-se bem no contexto histórico e geográfico. Todos compreendem o significado das palavras João e Maria gravadas dentro de um coração; todos sabem que R. I. C. no final de uma «oração ao Divino Espírito Santo» identifica o devoto, só compreensível, porém, para o próprio, o seu aglomerado populacional mais próximo – às vezes nem esse!... O contexto é, pois, fundamental! As siglas D. E. P. nem em todos os cemitérios são usadas, ainda que, por significarem D(escanse) E(m) P(az), em todos pudessem constar!

Na época romana, escrevia-se em Latim nesta zona ocidental do Império e muito se recorreu, também, a todos esses estratégias para que a epígrafe – funerária, votiva, monumental, honorífica ou gravada nos objectos de uso corrente... – fosse compreendida pelo maior número de pessoas a quem se dirigia. E há-as muito comuns:

- D · M · S
- H · S · E
- S · T · T · L
- I · O · M
- F · C

E, antes de nos debruçarmos sobre o que significam e, sobretudo, sobre os conceitos que nelas se encontram implícitos, atentemos num pormenor – que também para isso servem os documentos epigráficos, para nos treinar a argúcia no espírito de observação: pusemos os pontos a meio da linha. É que, no tempo dos Romanos, aí ele era colocado, para marcar a separação entre as palavras. Caso encontremos, pois, um texto epigrafado em que os

pontos não se encontrem a meio não será, certamente, essa uma inscrição romana, mas sim posterior ou uma cópia.

D · M · S significa D(*iis*) · M(*anibus*) · S(*acrum*), «consagrado aos deuses Manes». O defunto e o local da sua sepultura ficavam, assim, sob a protecção dessas divindades: zelavam-lhes pelo descanso do espírito e evitavam, pela sacralização, que houvesse, da parte de energúmenos, qualquer tentação de violarem esse espaço.

H · S · E: H(*ic*) · S(*itus* ou *-a*) · E(*st*), «aqui jaz». Nem sempre consciencializamos, mesmo na actualidade, o verdadeiro sentido da frase: proclama-se que o defunto está ali e não noutro lado. Está. No presente. Conosco convive.

S · T · T · L: S(*it*) · T(*ibi*) · T(*erra*) · L(*evis*), «que a terra te seja leve!». No presente também. «Terra» assume, aqui, um carácter figurado. Sim, é terra, em princípio, o que cobre as tábuas do caixão em que o defunto foi docemente depositado ou a urna que suas cinzas resguardam; no entanto, «terra» é a sua existência terrena, uma vida que, na hora do desenlace, toda ela se lhe apresentou – e nós estamos a desejar-lhe que não tenha sido – não seja! – um pesadelo, mas sim rosário de recordações fagueiras, de que se orgulhe e de que não sinta remorsos!

I · O · M: I(*ovi*) · O(*ptimo*) · M(*aximo*), «a Júpiter Ótimo Máximo». Também aqui uma fórmula corrente, que cedo os indígenas aprenderam, pois Júpiter era o «pai dos deuses», «o melhor» e «o maior» de todo o panteão romano!

F · C: F(*aciendum*) · C(*uravit*), «mandou fazer». Ou, dizendo de uma forma mais correcta e literal, «tratou de mandar fazer». Quer se trate de mero epitáfio quer de um monumento honorífico quer de uma construção pública, importa que para a posteridade fique o nome de quem arcou com as despesas e que, por esse motivo, deve ser

lembrado então, na sociedade em que se integra, e... para todo o sempre! Não se passa hoje o mesmo em relação a inaugurações? Os nomes das individualidades – para que conste!

### *Um olhar curioso sobre as inscrições de Scallabis*

Tempo é, pois, de lançarmos um olhar curioso sobre as inscrições conhecidas que se prendem com a *colonia Scallabitaná*. Por de mais conhecida, mas também por de mais ignorada no seu passado romano, a colónia escalabitaná é, até ao momento, muito parca em monumentos epigráficos – e importa tentar saber porquê.

#### Que se passou com *Scallabis*?

Pela tribo *Sergia* em que os seus cidadãos foram inscritos e por Plínio (*Naturalis Historia*, 4, 117) referir *quae Praesidium Iulium vocatur*, haveremos de a situar em época das campanhas de César, sendo a designação *Praesidium* indicadora de ter sido, na origem, um acampamento militar permanente.<sup>2</sup> Discute-se onde se localizava exactamente, embora a sua identificação – pelo menos em parte – com o morro onde viria a edificar-se, mais tarde, a alcáçova de Santarém e as mais recentes escavações arqueológicas, levadas a cabo por Ana Arruda, possam testemunhar a favor dessa identificação, num local dominante sobre as lezírias do Tejo, em que, inclusive, se terá erguido um templo romano<sup>3</sup>.

E aqui a Arqueologia não nos ajuda, porque, até ao momento, não temos praticamente vestígios dignos de uma capital conventual, como, por exemplo, vemos em *Pax Iulia*, capital do *conventus Pacensis*,

---

<sup>2</sup> Jorge de Alarcão, *O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins, 1988, p. 48; Vasco Mantas, *As Vias Romanas da Lusitânia*, Museu Nacional de Arte Romano, Mérida, 2012, pp. 178-179.

<sup>3</sup> Ana Maria Arruda e Catarina Viegas: «O templo romano de *Scallabis*», in *De Scallabis a Santarém*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2002, pp. 173-178.

sem falarmos já do muito que se conhece de *Emerita Augusta*, a qual ocupa, naturalmente, lugar à parte, por ter sido também capital provincial. Da *Scallabis* monumental que é que se conhece? Quase nada!

Ou... será que essa capital constitui mais um local quase simbólico do que um aglomerado populacional com portas, muralhas, *cardo* e *decumanus*, *forum*, templo à tríade capitolina, etc.?

Inclino-me muito para essa hipótese. Certamente outros exemplos haverá no mundo romano, tal como acontece na actualidade.

Que se sabe epigraficamente de *Scallabis*?

– Na homenagem a um dos *Bocchi*, mas cujo contexto original se desconhece, é *colonia Scallabitana* (IRCP 185);

– O monumento mais importante até agora descoberto é o pedestal<sup>4</sup> dedicado, verosimilmente por decreto dos decuriões, no consulado de Vitélio e Vipstano (ano 48) a *Aponius Capito*, duúviro de uma *colonia Iulia Augusta* – pode ser *Emerita* –, *praefectus fabrum*, flâmine de *Emerita* e da Lusitânia e também dos divinos Augusto e Augusta. Desconhece-se o seu contexto original, porque – hoje no museu da cidade de Santarém – diz-se que poderá ter vindo da parede de alguma das construções urbanas, quiçá um dos seus conventos antigos.

Sendo um flâmine provincial homenageado em *Scallabis* isso implica que a *colonia* deteria, então, alguma relevância política – ou aspirava a tê-la (!), hipótese que também não é despicienda. No entanto, não é estranho que se não identifique como dedicante?

---

<sup>4</sup> Cfr. Marta González Herrero, *Los caballeros procedentes de la Lusitania romana: estudio prosopográfico*, Signifer Libros, Madrid, 2006, pp. 23-26; <http://eda-bea.es/>, registo nº 23 107. Fig. 1.

De três outros documentos epigráficos poderemos tirar conclusões.

É um o epitáfio de *Lovesius Placidus*, de 36 anos, *miles legionis VII (septimae) G(eminae) F(elicis)*, da centúria de *Antonius Marcellus*, que vem identificado como sendo *domo Sergi[a] Scallabi*. Foi *L. Iulius Victor*, seu companheiro de armas, que mandou erigir-lhe o monumento sepulcral.<sup>5</sup>

O outro é também um legionário (CIL VIII 3182), cuja memória se encontrou em *Lambaesis*, na Numídia: *L. Lucretius Robustus*. É o irmão, que porventura o terá acompanhado, mas de quem nada mais sabemos a não ser o nome, *Victor*, quem se encarregou de lhe providenciar sepultura.

E também ao mais alto nível, ou seja, nas tropas pretorianas, há notícia de mais dois soldados, ambos da VI coorte pretoriana e da centúria de um Júlio: Marco Pácio Avito e Lúcio Valério, que se afirma como compatriota. Não pode, todavia, deixar de realçar-se o facto de, nesta epígrafe, ainda que colocada de forma inusitada (veja-se o nº 3 do anexo), a cidade venha identificada como *Iul(ia) Scallabis*. Escreveu-se acima, em relação a *Aponius Capito*, mencionado como duúnviro de uma *colonia Iulia Augusta*, que essa *colónia* poderia ser *Emerita*, nomeadamente devido ao epíteto *Augusta*; não deixa, todavia, de ser (no mínimo) intrigante que, em Roma, *Scallabis* possa ter sido mencionada assim, *Iulia* também.

Aproveite-se o ensejo para esclarecer o seguinte: é que poderia pensar-se, à primeira vista, que a menção da *origo* nesta identificação de militares significaria demonstração de orgulho em relação à sua

---

<sup>5</sup> Marc Mayer, «Estudi de l'estela funerària de Lovesi Plàcid», *Els Enterraments del Parc de la Ciutat i la Problemàtica Funerària de Tàrraco*, Ajuntament de Tarragona, 1987, pp. 177-179 e 197. Agradecemos-lhe a possibilidade de reproduzir a imagem que ilustra o seu estudo: Fig. 2.

naturalidade. Não é, todavia, argumento a aduzir aqui, pois – como se sabe – a identificação dos soldados obedecia a regras precisas, e a *origo* era um dos elementos a incluir, sempre que conhecido.

Foi também encontrado em Santarém (CIL II 326 = 5229) o epitáfio de *M. Aemilius Tuscus*, da tribo Galéria. Não é motivo, porém, para o considerar natural de *Scallabis* e também não há razão para que se ponha em dúvida a atribuição da tribo Sérgia a esta colónia, expressamente documentada (ver anexo, nºs 2 e 4). *Aemilius Tuscus* será, mui provavelmente, cidadão de *Olisipo*, essa, sim, cidade da tribo Galéria, até porque conhecemos aí (no território de *Scallabis*) membros da *gens Antonia* que expressamente se identificam olisiponenses.

### *Scallabis versus Olisipo*

Esta referência, aliada ao facto de, como vimos, nos ser escassamente conhecida – em termos de documentação epigráfica – a identificação da população romana de *Scallabis* e, ainda, devido à circunstância de serem seus «filhos» soldados identificados noutras paragens, para além de nos seduzir considerar tudo isso como comprovação clara do carácter acentuadamente militar da *colonia*, induz necessariamente a pensar na relação entre *Scallabis* e *Olisipo*.

Sabemos, pela História, que o primeiro rei português, Afonso, antes de se abalançar a conquistar Lisboa, se apoderou de Santarém. Eco de mui longínqua tradição veiculada pelos séculos afora desde tempos romanos ou, mui simplesmente, sábia estratégica político-militar alicerçada numa experiência que esses mesmos séculos não desmentiam? A esta distância, mau grado o caminho traçado por el-rei Afonso I, não continua a causar-nos surpresa essa opção? Causa – mas explica-se: já em tempo de Romanos, Lisboa era o empório, o porto

enriquecido, o centro do poder económico; *Scallabis*, ao invés, constituía a retaguarda salvadora, quase secreta, sem dar nas vistas, refúgio último em caso de adversidade extrema. E não será despropósito recordar – ainda que correndo o risco de sermos acusados de anacrónicos (como se essas andanças históricas directamente se não plasmassem num dado território com dadas características...) – que, muitos séculos mais tarde, era para as lezírias que os membros da Corte de Lisboa zarpavam, em caso de moléstia declarada na cidade das sete colinas!...

Voltando aos Romanos.

*Olisipo* e *Scallabis*! Ambas «cidades» na margem do *aurifer Tagus*, com posição estratégica assaz significativa. Ora, de *Olisipo* conhecemos não apenas os monumentos (o teatro, o circo, um imponente criptopórtico...) mas também vastíssima epigrafia em que avultam, naturalmente, eloquentes dedicatórias imperiais, como o pedestal *Divo Augusto*, mandado erigir pelos *augustales C(aius) Arrius Optatus* e *C(aius) Iulius Eutichus*;<sup>6</sup> ou o manifesto empenho, mais tarde, no tempo do renomado e mui eficiente administrador, o imperador Adriano, de, solenemente, o escol político e social de *Olisipo* lhe render pública homenagem;<sup>7</sup> ou os ex-votos estrategicamente concebidos às divindades de cariz imperial ou preferidas pela clique que zelosamente usufruía dos poderes...<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> CIL II 182; Catarina Quinteira e José d'Encarnação, «CIL II 182, de *Olisipo*», *Conimbriga*, XLVIII 2009, pp. 181-187. Acessível em <http://hdl.handle.net/10316/13088>

<sup>7</sup> Veja-se, a título de exemplo, «Homenagem da *civitas Aravorum* ao imperador Adriano», *Praça Velha*, 34 (Maio de 2014), pp. 127-151 (sobretudo as páginas 139-140). Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/23558>.

<sup>8</sup> O tema foi tratado, de modo especial, por Sara Henriques dos Reis na dissertação de mestrado *Religião e Sociedade no Municipium Olisiponense*, defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a 8 de Abril de 2015, disponível em <http://hdl.handle.net/10451/18274>. A mesma investigadora tem continuado a trabalhar

Poderíamos sentir-nos inclinados a considerar os monumentos epigráficos como manifestações de um **contrapoder**. Na verdade, causa impressão compararmos *Scallabis* com *Olisipo* em termos de vestígios epigráficos conhecidos, mesmo partindo do princípio de que muitas das pedras epigrafadas continuarão a jazer nas paredes das suas casas urbanas e não só. Uma excepção se deverá, porém, apontar e poderá estar aqui a chave de futuras reflexões e descobertas: as dedicatórias que ambas as cidades fazem a *Cornelius Bocchus*.

Discutem-se muito, como se sabe, os *Cornelii Bocchi*, o seu grau de parentesco e, até, a sua identidade e modo de se identificarem, na medida em que até a mera coincidência do *praenomen* pode ilusoriamente induzir a uma identificação não demonstrável.<sup>9</sup> Valerá, pois, a pena recordar os referidos monumentos.

O primeiro já era conhecido desde, pelo menos, o século XVIII<sup>10</sup>, mas foi Fernando Bandeira Ferreira que mais pormenorizadamente o estudou,<sup>11</sup> após Túlio Espanca a ter localizado

---

nesse domínio, de que já publicou, por exemplo, «Uma análise da epigrafia votiva de Olisipo – Contributo para um estudo das interações culturais no *municipium*», *Al-madan II série*, 20, tomo I, Julho de 2015, pp. 34-40. Essa relação entre o poder político-económico e a religião já fora também abordada por Ana Mendonça da Luz em «Os deuses da Lisboa romana na cidade e no campo», *Olisipo II série* nº 18 Janeiro/Junho 2003 pp. 7-14.

<sup>9</sup> Para discutir ao mais alto nível a problemática levantada por esta família, reuniu-se, em Tróia, de 6 a 8 de Outubro de 2010, um colóquio internacional, cujas actas foram publicadas: João Luís Cardoso e Martín Almagro-Gorbea [eds.], *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS – Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*, Academia Portuguesa de História e Real Academia de la Historia, Lisboa – Madrid, 2011. Nas páginas 189-201, por exemplo, acessíveis em <http://hdl.handle.net/10316/17865>, se procura uma primeira aproximação a esta problemática identificativa.

<sup>10</sup> CIL II 35, IRCP 185. Foi Cornide quem primeiro a deu a conhecer, sem precisar, porém, donde a copiou. Ora, Cornide viajou por Portugal na 2ª metade do século XVIII: cf. Juan Manuel Abascal e Rosario Cebrián, *Los Viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*, Madrid, 2009.

<sup>11</sup> Fernando Bandeira Ferreira, «A inscrição lusitano-romana da Quinta da Sempre-Noiva (Arraiolos) e o problema dos *Cornelii Bocchi*», *O Arqueólogo Português*, 2.ª série, 3, 1956, pp. 87-105.

num muro de propriedade da Quinta de Sempre-Noiva (fregeusia de Nossa Senhora da Graça do Divor, Évora). Fotografou-a (Fig. 3) a 27 de Dezembro de 1955, mas o certo é que a epígrafe levou descaminho e hoje se desconhece o seu paradeiro. Confia-se, porém, na leitura de Bandeira Ferreira, que é a seguinte:

[L(*ucio*) ?] CORNELIO C(*aii*) · [F(*ilio*)]  
BOCCHO ·  
[FL]AM(*ini*) · PROVINC(*iae*) TR(*ibuno*) MIL(*itum*) ·  
[CO]LONIA · SCALLABITANA ·  
5 [OB] · MERITA · IN · COLON(*iam*) ·

Tratava-se de um bloco paralelepípedo, de mármore azulado, com 29 x 49 cm (a espessura não foi possível medir-se). Poderá ser parte de um pedestal que a *Colonia Scallabitana* mandou erguer em honra de um Cornélio Boco (desconhece-se o primeiro nome), filho de Gaio. Acrescenta-se que o homenageado desempenhara, até esse momento, duas funções: fora tribuno militar e flâmine da província. O tribunado militar constituía, no *cursus honorum* equestre, uma das primeiras funções, após se ter sido *praefectus fabrum*, prefeito dos artífices, uma espécie de ajudante-de-campo, que no desempenho dessa missão se adestrava para cargos superiores. O tribuno militar não teria funções propriamente bélicas, mas sobretudo de carácter administrativo e logístico. Notabilizando-se, poderia candidatar-se e ser eleito – como foi o caso – a sacerdote encarregado de zelar e organizar o culto ao imperador a nível provincial. Era, também este, um cargo anual, de enorme prestígio, devido, de modo especial, a essa tripla conotação de grande cumplicidade entre os poderes: político, religioso e económico. Ora, deve ter sido precisamente por causa desse prestígio e seu conseqüente poder de interlocutor que, a determinado momento, não se sabe exactamente quando, mas seguramente no século I da nossa era, os *Scallabitani* decidiram

demonstrar a *Bocchus* a sua estima. Por que razão? Apenas «ob merita in coloniam», diz-se; ou seja, pela meritória atenção que Boco para com eles tivera. Já se sublinhou, por diversas vezes, que as margens do Tejo e as suas águas não seriam de menosprezar em termos económicos. Conhecem-se os fornos de ânforas – e não há fornos se não há clientes para de ânforas necessitarem quer para azeite, para vinho ou para *garum*. E quem nos garante que o ouro de aluvião, de cuja exploração há muitos vestígios a montante, não poderia estar nas mãos de quem governava (e se governava...) em *Scallabis*?

Mantém-se o enigma: onde foi erguido o monumento? Mui provavelmente em Alcácer do Sal, donde a família dos *Cornelii Bocchi* era natural. E já sobejamente se assinalou como deteve enorme importância económica, nos primeiros séculos, o triângulo formado por *Salacia*, *Olisipo* e *Scallabis*...

A epígrafe de Lisboa (Fig. 4) é a mais completa e elucidativa. Publicou-a pela primeira vez o seu achador, António Dias Diogo,<sup>12</sup> e, corrigida que foi a leitura do número da legião, podemos hoje propor, sem qualquer dúvida, o seguinte texto:

L(*ucio*) · CORNELIO  
L(*ucii*) · F(*ilio*) · GAL(*eria tribu*) · BOCCHO  
SALACIENSI  
FLAMINI · PROVIN  
5 CIAE · LVSITANIAE  
PRAEF(*ecto*) · FABRVM · V (*quinqvies*)  
TRIB(*uno*) · MILIT(*um*) · LEG(*ionis*) · VIII (*octavae*)  
AVG(*ustae*)

---

<sup>12</sup> António Manuel Dias Diogo e Laura Trindade, «Homenagem a *L. Cornelius Bocchus*, encontrada nas termas dos Cássios (Lisboa)», *Ficheiro Epigráfico*, 60, 1999, n.º 275.

D(*ecreto*) D(*ecurionum*)

Aqui, como resta claro, o *praenomen* é *Lucius*, igual ao do pai, enquanto que, na epígrafe mandada lavrar pela *Colónia Scallabitana*, o pai é *Gaius*. Parentes são, seguramente, e quiçá não interesse tanto discutir o indiscutível com os actuais conhecimentos de que dispomos, isto é, se são pai e filho ou avô e neto... São parentes, ilustres, detentores de riqueza e benquistos, sem dúvida, pelo poder imperial, se tivermos em conta que bem se explicita que o salaciense Lúcio Cornélio Boco, homenageado por decreto dos decuriões olisiponenses, foi cinco vezes nomeado *praefectus fabrum*, o que, se, por um lado, atesta a sua competência, documenta, por outro (estamos em crer), o interesse que havia em mantê-lo nessas funções por bastante mais tempo do que o previsto. Já se explicita aqui que exerceu o tribunado militar na VIII Legião Augusta e, também, que é na condição de flâmine provincial que a homenagem ganha relevo.

### 000

Certamente algo mais se irá conhecer de *Scallabis* e das suas gentes. Sabe-nos a pouco o panorama traçado e custa-nos pensar que a sua gente emigrou e só em Tarragona ou em *Lambaesis* (na Numídia) ou em Roma deixou rasto e, sobretudo, como militares.

Não, não está esquecido o referido pedestal dedicado, verosimilmente por decreto dos decuriões, no consulado de Vitélio e Vipstano (ano 48), a *Aponius Capito*. Creio que será mais um dos funcionários imperiais que à *colonia* teve de deslocar-se em serviço e a quem, por natural deferência, houve que agraciar, após benevolente e porventura encomiástico relatório para as instâncias da capital provincial. Uma prova de que as instituições funcionavam e de que a colónia merecia toda a atenção...

O panorama epigráfico de *Scallabis* revela-nos, por consequência, um retrato de vida inusitadamente reduzido. Não deverá constituir admiração, porém, dado tratar-se de um *Praesidium Iulium*, onde a tónica militar, ao serviço, como é natural, dos interesses políticos e económicos (geo-estratégicos se diria hoje...) terá sido, sem dúvida, predominante. E disso não há que fazer alarde. Nessas circunstâncias, os militares só em casos deveras excepcionais deixam menção da sua existência e o *populus* humilde não teria grandes preocupações em que a sua memória viesse a ser recordada pelos vindouros...

## ANEXO

### Corpus epigráfico escalabitano

#### 1. Alcácer do Sal

[L(ucio)] C[orn]elio C(ai) [f(ilio)] Boccho / [fl]am(ini)  
pro[v]inc(iae) tr(ibunus) mil(itum) / [co]lonia Scallabitana / [ob]  
m[e]rita in colon(iam)

*A Lúcio Cornélio Boco, filho de Gaio, flâmine provincial, tribuno militar – a Colónia Escalabitana, devido aos serviços por ele prestado à colónia.*

CIL II 35 = IRCP 185 = Hep 12, 667 = AE 1967, 195 = AE 2002,  
662 = AE 2011, 469. EDCS-05500035.

#### 2. Tarragona

D(is) Ma[n(ibus)] / L(ucius) Lovesius Placidus / mil(es) leg(ionis) VII (septimae) G(eminae) F(elicis) ⌋ (centuria) Anton[i] / Marcelli domo Sergi[a] / Scallabi an(norum) XXXVI (sex et triginta) / aer(orum) XVIII h(ic) s(itus) e(st) / L(ucius) Iulius Victor mil(es) leg(ionis) / [ei]usdem ⌋ (centuria) eadem h(eres) f(aciendum) c(uravit)

*Aos deuses Manes. Aqui jaz Lúcio Lovésio Plácido, soldado da VII Legião Gémina Félix, da centúria de António Marcelo, natural de Escálabis da tribo Sérgia, de 36 anos de idade e 19 de serviço. O herdeiro, Lúcio Júlio Vítor, soldado da mesma legião e da mesma centúria mandou fazer.*

HEp 3, 1993, 368 = AE 1987, 736; EDCS-07400539.

### 3. Roma

M(arcus) Paccius / M(arci) f(ilius) Iul(ia) Avitus / Scallabi mil(es) / coh(ortis) VI pr(aetoriae) ⌋ (centuria) / Iuli mil(itavit) ann(os) / V vix(it) ann(os) XXX / L(ucius) Valerius / commanipular(is) / et municeps / amico de se b(ene) m(erenti) posuit

*Marco Pácio Avito, filho de Marco, de Júlia Escálabis, soldado da VI coorte pretoriana, da centúria de Júlio. Militou 5 anos e viveu 30. Lúcio Valério, do mesmo manípulo e compatriota, colocou ao amigo para si benemerente.*

[CIL VI 2614](#). EDCS-18900109.

### 4. Lambaesis (Numídia)

L(ucius) Lucretius / Serg(ia) Robus/tus Scallabi / m(iles) leg(ionis) VII G(eminae) F(elicis) vix(it) / an(nos) XXX S Victor / frater posuit / [h(ic) e(st)] / [s(itus)]

(Aqui jaz) Lúcio Lucrécio Robusto, da tribo Sérgia, de Escálabis, soldado da VII legião Gémina Félix viveu 30 anos e meio. O irmão Vítor pôs. CIL VIII 3182 (p. 1741) = AE 1990, 1041. EDCS-21100180.

### **Siglas utilizadas**

AE = *L'Année Épigraphique*. Paris. Cita-se pelo ano e nº da epígrafe.

EDCS = Epigraphik-Datenbank Clauss / Slaby, acessível em: <http://www.manfredclauss.de/gb/>

IRCP = ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições romanas do conventus Pacensis*, Coimbra.1984. [O número identifica a inscrição no catálogo].

CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Resulta de um projecto, que já vem do século XIX, da Academia das Ciências de Berlim e integra, por isso, diversos volumes concernentes a ambientes geográficos ou a temas distintos. O nº II deve-se a Emílio Hübner e trata da Península Ibérica (1869 e 1892 - suplemento)

Hep = *Hispania Epigraphica*. Cita-se pelo ano e pelo nº da inscrição. Estão *on line* as epígrafes inseridas nesta revista e anteriores, de toda a Península Ibérica, consultáveis em <http://eda-bea.es/>

Ilustrações



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4